

INTRODUÇÃO

A proposta do presente trabalho é interpretar e analisar, como forma de contribuição na transformação de adolescentes de risco social para inserção produtiva, a construção de um *saber* a partir do objeto de estudo: *Situação Social Problema*.

O ponto de partida para sua construção tem raízes plantadas nos momentos de reflexão oriundas das diferentes etapas do meu caminhar profissional, nos quais me vi envolvida com esses sujeitos sociais.

1. CONSIDERAÇÕES INICIAIS

No presente trabalho, cumpre-nos definir o que se entende por Adolescente de Risco Social. Gemelli (1996, P. 91) define adolescente como “um ser aberto, uma possibilidade cujas transformações corporais são acompanhadas de outras mudanças radicais sob o ponto de vista psíquico, quer cognitivo, quer afetivo. Como qualquer ser humano, relaciona-se com o mundo das coisas e das pessoas e assim se revela, passando a se orientar em um espaço existencial”.

Assim, como exemplos, as mudanças hormonais da adolescência promovem novos significados para o prazer. A sexualidade infantil com seu caráter sádico-masoquista passa por transformações para alcançar uma sexualidade genital. O sadismo, tendo que ser transformado numa relação amorosa consensual, requerendo para tanto uma nova relação com esse “outro” necessário agora, na busca de prazer. As novas necessidades sexuais, devido às alterações hormonais, “exigem” uma tomada de consciência de um corpo que existe num determinado contexto e em relação a um “outro”. A adolescente bonita que se julga feia, muito provavelmente está se utilizando das alterações de sua imagem corporal para comunicar sentimentos, talvez de medo e, quem sabe, até mesmo de terror em relação a um desconhecido, diante do qual se sente extremamente fragilizada. De um modo geral, adolescência propicia o reconhecimento da presença e da necessidade do “outro”, de modo a consolidar o seu mundo desde esse outro, o qual será constitutivo e fundante para aquisição de sua própria identidade. Talvez por isso as academias de ginástica, atualmente, façam tanto sucesso. No linguajar adolescente, o corpo “sarado” passa a representar o ser amado, reconhecido e respeitado.

Nesse sentido, essas possibilidades de risco com adolescentes são assustadoras, uma vez que representam sua própria liberdade, acompanhada pela indisciplina e rebeldia. Assim, sua busca se caracteriza por ser uma busca de apoio psicossocial. Apoio muitas vezes negado pelo ambiente familiar e pelo próprio Estado.

A situação de risco no Brasil tem como conseqüência os baixos salários - e por que não? - a simples ausência destes e a utilização da força de trabalho do menor adolescente necessária à complementação da renda familiar.

Este tipo de mão-de-obra está sujeito ao subemprego, com uma remuneração sofrida e condições de trabalho muitas vezes desumanas. Além disso, a lógica da economia brasileira tende a excluir uma quantidade enorme de pessoas de qualquer oportunidade de emprego, alimentação, moradia, lazer, saúde e educação. Cria-se um campo bastante fértil de marginalização, sendo um representativo exemplo os menores que circulam pelas cidades brasileiras. Esses jovens ficam atrelados a posições e trabalhos sempre subalternos.

As entrevistas realizadas nesta pesquisa ilustram aqui, no cotidiano da grande maioria dessa demanda, uma concepção de trabalho que constitui uma armadilha, ou seja, os menores

recebem formação para voltarem ao mercado de trabalho como biscateiros, prestadores de serviços e continuam analfabetos, desconhecendo uma iniciação profissional mais qualitativa.

Ressocializar, reeducar, profissionalizar, objetivos aparentes do Sistema Social vigente, revelam as estruturas de um *apartheid social*, que só vem se consolidando nessa realidade.

2. OBJETIVOS DA PESQUISA

Apresentamos como objetivos centrais:

- a) Identificar aspectos comuns entre as competências dos *líderes comunitários* e as dos *líderes sociais* (psicólogos, assistentes sociais, gestores, educadores sociais, prefeito);
- b) Descrever as concepções dos líderes comunitários e sociais, os limites e as possibilidades da prática da liderança para a transformação descrita;
- c) Analisar as estratégias de convivência elaboradas pelos adolescentes, ressaltando as principais lideranças desses jovens, no cotidiano da vida comunitária de risco social.

3. JUSTIFICATIVA

Justificamos que esse estudo se realiza pelo desafio de pesquisar como a liderança age frente à realidade desses sujeitos sociais, que enfrentam dificuldades econômicas, relacionamentos conflituosos na família-sociedade, conflitos entre pais e adolescentes, violação dos direitos de cidadania, violência física, psicológica, sexual, exploração do trabalho infantil, prostituição infantil, uso de drogas, crimes e vícios. Este trabalho irá contribuir como incentivo acadêmico nas diferentes áreas, principalmente nas áreas de Ciências Humanas e Sociais como forma de aprendizagem e reflexão de um projeto de iniciação ao trabalho empírico no mundo da investigação científica e social.

Assim, por se tratar da pesquisa exploratória, o campo de estudo se apresenta como uma possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas também criar um conhecimento, partindo da realidade de campo.

Dessa forma, para o meio acadêmico, pretendemos com esta pesquisa, contribuir como incentivadores de debates acadêmicos em que a força da palavra inclua como foco, luz e guia do pensamento que caracteriza e centraliza essa pesquisa, na realidade que busquem capacitar, habilitar, influenciar pessoas com priorização de servir, em que o líder busque, acima de tudo, o bem-estar integral de todo o grupo da liderança ou do próprio líder, comprometidos com esse novo paradigma de liderança. Inicialmente, podemos conceituá-la como um conjunto de habilidades, qualidades e competências que exercem influência pessoal, empresarial e social, podendo, de fato, servir como referencial de conduta de uma sociedade (Kuzaqui, 2006). Dentro dessa linha de raciocínio, embora grande parte da liderança esteja presente dentro da área empresarial, o principal objeto de análise ainda é o ser humano, essa complexa entidade, ao mesmo tempo tão singela, resiliente e capaz de mudanças e transformações significativas na sociedade onde está inserido.

Por outro lado, o meio acadêmico propiciará uma diversidade de conhecimentos, atividades que envolvem expressão artística, ética, moral, cidadania, meio ambiente saudável e saúde, contribuindo no processo sócio-educativo dos adolescentes de risco social, hoje representado por um grupo exigente, às vezes marginalizado, no dever de assumir com responsabilidade e dignidade a tarefa de construir um mundo melhor, mais justo, mais humano e seguro.

Certamente o adolescente de risco, se bem preparado, pode se tornar o principal agente de mudança social capaz de motivar uma nova cidadania na comunidade em que vive e, como decorrência, em todo o nosso país. É na escola que esses sujeitos sociais recebem suas primeiras lições de cidadania, portanto, é necessário estimular, mobilizar o potencial criativo e investir no seu protagonismo e no seu desenvolvimento autônomo e responsável.

4. IDENTIFICAÇÃO DO PROBLEMA DA PESQUISA

É difícil tecer considerações sobre um material tão vasto de abordagens disciplinares e temáticas diversificadas que é nosso objeto de estudo. Tentaremos, portanto, abstrair-nos dos recortes já descritos e trabalhar ao nível das correntes de pensamento que implícita ou explicitamente perpassam o nosso conhecimento.

Verdadeiras visões do mundo que nossa intenção propõe dar avanço na reflexão de uma modalidade de ação pedagógica de educar voltada para valores que se traduzem em essência existencial (Hunter, 2004).

Em função dessa análise, serão respondidas essas questões a partir do método hermenêutico-dialético em busca de análise de dados com a proposta de práticas sociais sustentadas na utilização de competências existentes no exercício de liderança e no reflexo para um novo modelo de líder social capacitado, para influenciar outras pessoas ou comandar, resolver problemas nas causas difíceis, intervir na realidade que exige transformação de adolescentes de risco para a inserção produtiva. Dentro dessa compreensão, teremos um raciocínio analítico para exploração das situações reais. A liderança se estabelece como *ação*, o líder e o grupo *fazem* alguma coisa juntos. (Hunter, 2004) faz referência à liderança servidora como impacto positivo em nosso desempenho como educadores, como pais, treinadores, cônjuges, pastores ou gerentes. Exemplifica o grande líder da humanidade que prega para seus discípulos o amor ao próximo, a humildade, a justiça e a paz.

A liderança tem o papel de exaurir os maus tratos, cuidar da saúde e educação, recuperar a auto-estima desses sujeitos para transformá-los e inseri-los em hábitos das pessoas bem sucedidas (Covey, 2005).

Assim, a liderança requer flexibilidade, capacidade de ouvir o outro pelo caráter relacional de servir no mundo atual e, ao mesmo tempo, uma visão a ser proposta, embasada em valores éticos e morais que estruturam a relação entre líderes e liderados e a determinação para conseguir seus objetivos.

Portanto, a liderança é definida de forma simples e descreve uma forma de relacionamento pela empatia com os outros, criando uma cultura envolvente, permitindo que desejos e intenções nos outros se tornem conhecidos. De fato a liderança como empatia estaria ligada à teoria e pesquisa sobre liderança de transformação, liderança do servir considerada individualizada e como estímulo intelectual.

5. MÉTODO HERMENÊUTICO-DIALÉTICO NA PESQUISA DE CAMPO

Na consulta à obra de Minayo (1992), temos a proposta de interpretação quali-quantitativa de dados, considerada bastante adequada à pesquisa de campo, no aconselhamento do Método hermenêutico-dialético. Nesse método, *a fala dos atores sociais* faz sentido, no contexto de ser mais bem compreendida. Essa compreensão tem como ponto de partida *o interior da fala* e, como ponto de chegada, *o campo da chegada, o campo da especificidade histórica e totalizante que a produz*.

Destacamos dois pressupostos nesse método de análise. O primeiro diz respeito à idéia de que não há consenso e nem ponto de chegada no processo de produção de conhecimento, enquanto o segundo se refere ao fato de que a ciência se constrói numa relação dinâmica entre a razão daqueles que a praticam e a experiência que alicerça a realidade concreta. Entendemos que os resultados de uma pesquisa em ciências sociais constituem-se sempre na aproximação da realidade social, que não pode ser reduzida a nenhum dado da pesquisa.

Nesse sentido, devemos considerar a relação entre hermenêutica e dialética compreendida nos estudos platônicos ao encontro com Hegel. Para esses filósofos a compreensão da vida se deu, ao mesmo tempo, de modo hermenêutico e dialético. A filosofia entendida hermenêuticamente sempre remete à práxis, onde ela encontra sua motivação, a compreensão filosófica se faz dialeticamente, esclarecendo mal-entendidos e promovendo uma visão de conjunto. O diálogo dialético da pergunta e resposta faz as distinções e se dão os acordos. Assim, a hermenêutica não está interessada em afirmar-se como um novo método frente às ciências, mas em buscar a verdade, a beleza e o saber como modos de realização da liberdade.

A opção pelo método hermenêutico-dialético se expressa em articular, ao primeiro *Nível de interpretação*, a proposta das determinações fundamentais que, entre outros aspectos, diz respeito à conjuntura sócio-político-econômica do qual o grupo social a ser estudado faz parte, também à história política que relaciona esse grupo e à determinação no contexto sócio-histórico já definido na fase exploratória da pesquisa.

O segundo *Nível de interpretação* baseia-se no encontro com os fatos surgidos na investigação. Esse nível é, ao mesmo tempo, ponto de partida e ponto de chegada da análise. As comunicações individuais, as observações de condutas e costumes, análise das instituições, a observação de cerimônias e rituais são aspectos a serem considerados nesse nível de interpretação.

O método apresentado por Minayo (1992) segue os seguintes passos para a operacionalização:

a) *Ordenação de dados*: um mapeamento de todos os dados obtidos no trabalho de campo, como, por exemplo, entrevistas, organização de relatos e dados da observação participante, transcrição de gravações;

b) *Classificação dos dados*: nesta fase é importante ter em mente que o dado não existe por si só. Ele é construído a partir de um questionamento que fazemos, com base numa fundamentação teórica, feita através de leituras, de textos identificados como relevantes para a elaboração das categorias específicas. Nesse sentido, trabalhar com ela significa agrupar elementos, idéias ou expressões em torno de um conceito que seja capaz de abranger tudo isso. Esse tipo de procedimento pode ser utilizado em qualquer tipo de análise em pesquisa qualitativa que requer uma fundamentação teórica sólida por parte do pesquisador (MINAYO, 1992);

c) Levantamento e elaboração de pressupostos a partir de diversas fontes, tais como: a observação do campo pesquisado frente à realidade desses sujeitos sociais que abordam o relacionamento família-sociedade, dificuldades econômicas, conflitos entre pais e adolescentes, violência física, psicológica, sexual, exploração do trabalho infantil, controle de drogas e de doenças (D.S.T.s), AIDS entre outras dificuldades. Resultados esses decorrentes do status econômico baixo, renda “per capita” da família e nível educacional precário;

d) Amostragem abrangente, a totalização do problema investigado em suas múltiplas dimensões;

e) Organização e análise de dados – análise dialética de procedimentos e interpretação de dados dentro das modalidades preconizadas por um tratamento diferenciado para a AMAC / PROMAD na sistematização de dados.

Entende-se facilmente que, neste caso específico, jovens de classes menos favorecidas economicamente não obtiveram da família, do Estado e da sociedade oportunidades para sua subsistência básica e posteriormente para sua inserção na Escola e, conseqüentemente, no mercado de trabalho.

Certamente, praticar princípios de valores, amor, dignidade humana da *liderança servidora* proposta faz a diferença no estilo e relacionamento do líder com os seus liderados na maior performance e nas atitudes sadias de ouvir sem julgamento, na autenticidade de admitir erros e acertos, na solidariedade e construção comunitária, na partilha do poder, no desenvolvimento próprio e de sua equipe.

Neste estudo levamos ao meio acadêmico das Ciências Sociais e Humanas um projeto de pesquisa cujo objeto de estudo surge da necessidade de selecionarmos *formas de investigar este objeto: Situação Social Problema*. Assim, como se trata de uma pesquisa qualitativa, o campo de estudo se apresenta com a possibilidade de conseguirmos não só uma aproximação com aquilo que desejamos conhecer e estudar, mas construir, simultaneamente, conhecimento partindo da realidade de campo.

Assim, a Liderança partilhada com a educação para a saúde molda seus princípios em contribuir para que adolescentes de risco social se transformem em vantagem para o mercado de trabalho. É necessário enfatizar que, no papel de líder, você pode fomentar as mudanças (COVEY, 2002).

Esse interesse no trabalho social com jovens de risco vem de uma série de experiências com trabalhos sociais.

6. PAPEL PEDAGÓGICO NA RECUPERAÇÃO DE ADOLESCENTES DE RISCO SOCIAL

Fundamentalmente é importante o papel pedagógico de recuperar o conceito de adolescente como pessoa em desenvolvimento, para que a sociedade entenda que a solução do problema não é tanto pela constituição de uma política de controle do delito, mas pela construção de uma política de cidadania de garantias e direitos. Esse sistema de garantias precisa estar estruturado num conjunto de serviços, programas e benefícios que permita aos adolescentes acessar seus direitos, que lhes permitam construir pontes de inclusão social. O que se discute sobre políticas sociais no nosso país?

Copiamos um modelo europeu, chamado de Proteção Social, e partimos da idéia de que todos estão incluídos na sociedade. Então criamos um seguro desemprego para que o indivíduo não seja excluído socialmente quando vulnerável; criamos programas de salário-família, melhoria de renda, de auxílio-creche, bolsa-família; criamos uma série de redes de serviço para que a pessoa não seja excluída da organização social.

Esse modelo de proteção social funciona muito bem numa sociedade mais ou menos estruturada, como a sociedade européia, onde a exclusão social é menor do que no Brasil. Não faz sentido falar em rede de proteção social no Brasil, quando a maioria da população está excluída. Entretanto, temos mais que construir pontes de inclusão social, fazer com que as políticas sociais alcancem aquele indivíduo que está segregado, que está excluído, que não está participando da vida do país, o que se consegue através de um outro conjunto de políticas. Assim, não se trata apenas do programa de renda mínima, do programa de bolsa-

escola, mas basicamente de uma política de renda, de emprego, de uma mudança da relação entre políticas sociais e de uma fuga dessa terrível focalização que elege um público pequeno, num canto da cidade, para nele exclusivamente investir sob o pretexto de o incluir socialmente, até que chegue a vez de atender aos demais grupos. Portanto, encontramos a ausência do Estado, de políticas focalizadas num sistema de garantias que possibilite ao cidadão acessar serviços que garantam os seus direitos. Entretanto, precisamos desmontar a estrutura erguida sobre esse falso conceito de proteção social e edificar uma estrutura de inclusão social que permita a desconcentração do atendimento aos adolescentes privados de liberdade, a criação de varas regionais de justiça que possam funcionar também como varas de execução das medidas sócio-educativas e cujos juízes possam assumir o papel de corregedores capazes de fazer uma verdadeira aplicação dessas medidas e que possam realmente assegurar seu caráter sócio-educativo.

7. LIDERANÇA, COMPETÊNCIAS, HABILIDADES, ATITUDES: PERSPECTIVAS PARA TRANSFORMAÇÃO DE RISCO SOCIAL PARA A INSERÇÃO PRODUTIVA

Buscamos neste trabalho, enriquecer o pensamento acadêmico, na reflexão socialista, fazendo uma crítica inovadora ao que é mais polêmica nos movimentos comunitários do país, organização e o atendimento de suas necessidades básicas,, partindo das políticas sociais, alternativamente, as chamadas políticas públicas sociais, num projeto de transformação, possibilitando aos líderes sociais e comunitários condições de crescimento para a prática do exercício da Liderança do servir de forma educativa, criativa, competitiva, como fator multiplicador de adolescentes capacitados numa comunidade de Risco Social para iniciação do Mercado de Trabalho.

A questão está na forma de avaliar o que fazem e o que farão. Principalmente no que deveriam fazer. Educar numa ação pedagógica para valores que se traduzem em essência existencial, na capacitação e hábitos de influenciar pessoas na prática e teoria de programas de qualidade sócio-educativas, na análise de indicadores sociais. Encarar o passado vivenciado, o futuro desejável, o presente, no qual precisa realizar, criar, inovar para sobrevivência até concretizar o seu sonho de ser feliz.

De que maneira podemos influenciar de forma poderosa e ética a vida de outras pessoas? Hunter (2004) responde quando conceituar a Liderança como habilidade de influenciar pessoas para trabalharem entusiasticamente, visando atingir os objetivos identificados como sendo para o Bem Comum.

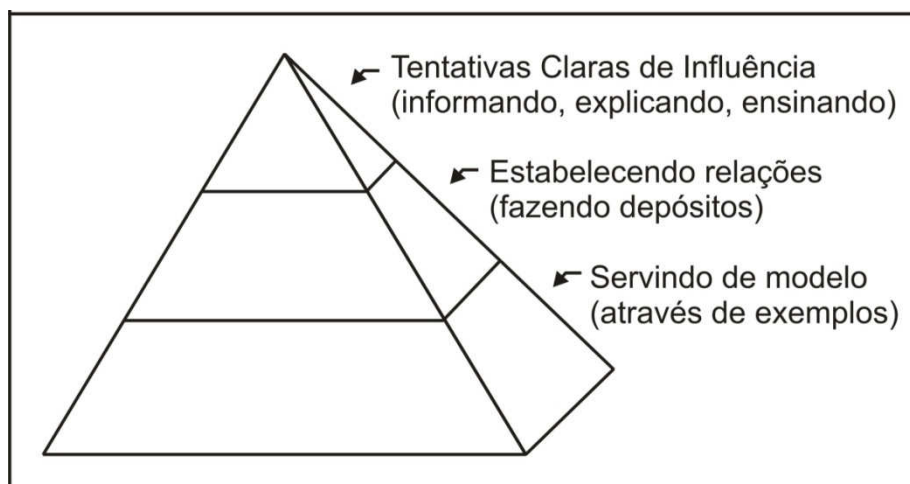
De fato, todos nós desejamos exercer influência positiva sobre determinadas pessoas em nossa vida pessoal e profissional.

Enfatizamos mais uma vez que a própria essência da liderança está no desenvolvimento das pessoas, o crescimento e o bem estar social são o objetivo último da liderança, caracterizada em três categorias básicas, segundo Covey (2002), de influências:

- a) Servir de modelo através de exemplo (os outros vêem);
- b) Estabelecer relações humanitárias (os outros sentem);
- c) Orientar através de instrução (os outros ouvem).

Acreditamos que, através de exemplos, podemos encontrar modelos ou paradigmas, para vencer nossas próprias batalhas, organizar os nossos motivos a adquirir perspectivas de influenciar pessoas, como nos mostra Covey, neste quadro 1 a seguir:

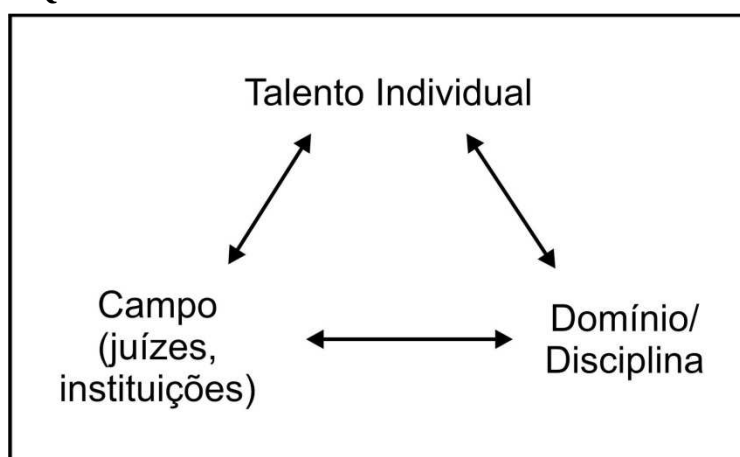
Quadro 1: A PIRÂMIDE DA INFLUÊNCIA



1991 Covey Leadership Center

Portanto, os pais, para serem bons administradores, precisam de um alto nível de independência, segurança interior e autoconfiança. No papel de líder, precisam construir caminhos positivos, tocar a vida para a frente vencendo traumas, abusos e decepções, com tentativas de informar, explicar e ensinar como pista para prevenção da violência, que a psicologia moderna chama de Resiliência, conceituada como não sendo um atributo que nasce com o sujeito, mas sim, uma qualidade que nasce da relação da pessoa com o meio em que vive e que pode fortalecê-la para superar as dificuldades e violências vividas.

Quadro 2: COMPETÊNCIA / CRIATIVIDADE



Fonte: Gardner, (1996).

Basicamente, quando a pessoa certa desempenha uma determinada *ação* que atende ao que os outros esperam e precisam, ela estará protagonizando a necessidade grupal, em uma ação inovadora e criativa.

Dessa forma, a criatividade ocorre num contexto social, que por sua vez depende de normas, valores, tradições, tabus com raízes fincadas na cultura. Portanto, se o grupo valida a ação criativa que promove as mudanças necessárias, essa pessoa torna-se um modelo, com seguidores de suas idéias e ações, surgindo daí o líder criativo e inovador desse grupo. Nem sempre os líderes tomam

atitudes justas e bem pensadas para todos, mas todos os grandes líderes carregam a marca de terem realizado grandes mudanças nas diferentes áreas do conhecimento, da arte, da política e da religião em nossa era: Jesus Cristo. Gandhi, Madre Tereza de Calcutá, Irmã Dulce, Picasso, Freud, Einstein e até mesmo Hitler e Binlader como líderes negativos na nossa era contemporânea.

Provavelmente, nessa perspectiva, o líder criativo interage com o meio, percebe e se conscientiza das ocorrências que permeiam as relações entre as pessoas de seu grupo, faz propostas baseadas nas necessidades que emergem desse grupo, com o intuito de apontar soluções, criar alternativas, inovar e/ou promover mudanças pertinentes e significativos para si e para seus semelhantes.

8. PALAVRAS-CHAVES: LIDERANÇA, HABILIDADE E COMPETÊNCIA

Certamente, exercer influência sobre os outros, que é a essência da liderança, estar disponível para todos requer uma enorme doação pessoal. Exemplificamos: Quando você gerencia seu talão de cheques, seus recursos, você não gerencia seres humanos. Você gerencia coisas e lidera pessoas, Hunter (2004) dá a receita de como liderar pessoas e para tal, define Liderança como habilidade para trabalhar entusiasticamente, visando atingir os objetivos identificados como sendo para o Bem Comum.

A segunda palavra chave, *habilidade*, define-se como capacidade adquirida, para influenciar os outros, que pode ser aprendida e desenvolvida por alguém que tenha o desejo e pratique boas ações.

A questão é como levar as pessoas a fazerem o que desejamos! Como aceitar suas idéias, como confiar, ser criativos por excelência, o que, por definição, são dons voluntários.

Hunter (2004) responde à questão fundamentada em Max Weber, na teoria da organização econômica e social, ampliando conhecimentos até hoje conhecidos sobre poder e autoridade.

“Poder é a faculdade de forçar ou coagir alguém ou forçar, mesmo que a pessoa prefira não o fazer. No linguajar popular, todos nós conhecemos o que é o poder, como “as palmas das mãos”; “se não fizer que mando será despedido”; “faça isso ou sumiremos com você”. Em outras palavras mais simples, “faça isso, senão...”.

A autoridade é a habilidade de levar as pessoas a fazerem de boa vontade o que você quer por causa de sua influência pessoal. Portanto, notamos diferença nas colocações: poder é definido como faculdade, enquanto autoridade, como habilidade.

Consideramos que estabelecer autoridade sobre uma pessoa requer um conjunto especial de habilidades. Alguém pode estar num cargo de poder e não ter autoridade sobre as pessoas que o cercam. Perguntamos a nós mesmos: o poder no Brasil a quantas anda? Ultimamente, dentro da crise política que ora abraçamos em que ninguém é de ninguém, todos são os donos do poder, parentes, amigos, herdeiros do dinheiro, da corrupção e do poder. Isso já não acontece com a autoridade. A autoridade não pode ser comprada, nem vendida, nem dada ou tomada.

A autoridade como habilidade deve ser pensada e trabalhada em seus detalhes, tarefas para preservação ética e moral e pelo bem de todos. Ela diz respeito a quem você é como pessoa, a seu caráter e à influência que estabelece sobre as pessoas.

O poder corrói o relacionamento. Hunter (2004) o comprova com exemplos de crianças e adolescentes que se tornam rebeldes como formas de reação ao poder que os domina dentro de suas casas por muito tempo. O mesmo acontece com os negócios: a inquietação de um empregado é muitas vezes uma “rebelião” disfarçada.

Certamente o que se passa neste momento de “caos” em nossos dias leva-nos a refletir sobre a diferença entre poder e autoridade. A autoridade leva a influenciar aos caminhos das coisas andarem bem. Bem em qualidade de valores, caráter, honestidade, confiabilidade, qualidades de saber ouvir, tratar as pessoas com respeito, encorajá-las com atitudes positivas, motivadoras, gostar das pessoas. Usar o lema “Gente que gosta de gente”. Portanto, trabalhar com pessoas quer dizer que as coisas se façam através delas, no equilíbrio da dinâmica da tarefa e relacionamento, sujeitos à transferência-rebelião, má qualidade de trabalho, baixo compromisso, baixa confiança, tendo a chave mestra da liderança assegurada às tarefas enquanto se constroem os relacionamentos.

Portanto, a assertiva vê a dialética como lógica de conflitos. No pressuposto de dados científicos na pesquisa de campo, como pesquisa explorativa e qualitativa, a história da vida já existe, na apresentação da assertiva refutável em que apresentamos neste trabalho de pesquisa exploratória.

Como ponto de partida, o líder social deve estar habilitado para chegar às causas das dificuldades, bloqueios, e intervir na realidade da transformação, dentro de uma compreensão de um raciocínio analítico exploratório das situações reais.

O método escolhido como pesquisa de campo leva-nos a selecionar as informações, assumir questões do tipo “como” e “por quê”, levando o pesquisador a buscar subsídio para construção do seu projeto. Na expertise de expor o que tem dentro de você, o que você faz, “gente que gosta de negociar idéias, tomar decisões, analisar cenários contemporâneos”. (Hunter, 2004).

Yin (2001) admite fazer pesquisas históricas sobre acontecimentos contemporâneos, conduzir a pesquisa de campo a uma estratégia de examinar e manipular comportamentos relevantes e, para isso, acrescentarmos no repertório do pesquisador duas fontes de evidências: observação direta e série sistemática de entrevista manipulada no comportamento com precisão, como ocorre em laboratório, em campo de pesquisa, onde surgiu, com o termo “experimento social”, para se ocupar da pesquisa e os pesquisadores “trataram” grupos inteiros de pessoas de forma diferenciada, como se estivessem oferecendo diferentes documentações comprobatórias”.

9. CONCLUSÃO

Esse trabalho procurou descrever as diversas correntes e conceitos de Lideranças e de risco social com adolescentes para criar uma leitura atualizada, não tendo a pretensão de apresentar na pesquisa de campo, um modelo articulado. Para sustentar uma apreciação crítica de uma situação prática, foi estabelecido que seria mencionado na fundamentação teórica um amplo diálogo da visão de diferentes autores.

A revisão da literatura durante a fase exploratória mostra a diferença entre qualitativo-quantitativo. Enquanto cientistas sociais trabalham com estatística apreendem fenômenos apenas de forma “visível, ecológica, morfológica e concreta”, a abordagem qualitativa aprofunda-se no mundo dos significados das ações e relações humanas, um lado não perceptível e não captável em equações, médias e estatísticas. O conjunto de dados quantitativos e qualitativos, não se opõem, ao contrário se completam, pois a realidade abrangida por eles interage dinamicamente, excluindo qualquer dicotomia.

A fundamentação teórica criou um embasamento conceitual que permitiu a posteriori observação e o estudo de campo prático na AMAC / PROMAD. A partir do referencial teórico decidiu-se aprofundar a compreensão do tema, buscando resposta para a seguinte pergunta fundamental: quais as concepções dos líderes sociais e comunitários nas possibilidades e limites da prática da liderança para a transformação descrita?

As vantagens reconhecidas na AMAC / PROMAD e citadas neste trabalho foram:

- melhoria do trabalho produzido;
- aumento da flexibilidade de atuação dos profissionais;
- otimização do investimento necessário em treinamento;
- ganho de visão sistêmica dos profissionais;
- preparo de adolescentes de risco em cidadãos;
- investir no seu potencial e no desenvolvimento autônomo responsável desses cidadãos;
- estimular, mobilizar sua criatividade para crescimento pessoal;
- melhoria do desempenho individual.

A resposta para indagação do questionário deste estudo foi obtida mediante a realização da pesquisa de campo com abordagem exploratória e descritiva, procurou-se identificar as várias etapas do processo relacionadas à seleção, treinamento, necessidades básicas para mudanças desses adolescentes e inserção produtiva. O estudo teve como referência direta as instituições AMAC / PROMAD pesquisadas e as conclusões devem ser atribuídas somente a elas.

Considerando a indagação inicial da pesquisa, os objetivos propostos podem ser considerados alcançados.

10. DADOS ESTATÍSTICOS REFERENTES À PESQUISA QUANTITATIVA (Aconselhada para as estatísticas no trabalho de campo)

Programa utilizado para as estatísticas: a plataforma norte-americana **SPSS** - Statistical Package for the Social Science (Pacote estatístico para as ciências sociais). É um [Software de análise estatística que traz recursos que facilitam a análise de dados](#) e otimiza a tomada de decisões gerenciais mediante a análise de informações armazenadas em qualquer tipo de base de dados.

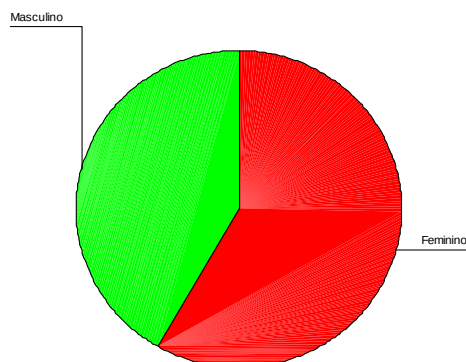
Informações importantes para lidar com o software:

Frequency: número de adolescentes que deram a resposta

Percent: o percentual das respostas, incluindo “Não sabe/ Não respondeu” ou “Não se aplica”

Valid percent: Percentual das respostas válidas, excluindo as respostas “Não sabe/ Não respondeu” ou “Não se aplica”

		Sexo			
		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Feminino	21	58,3	58,3	58,3
	Masculino	15	41,7	41,7	100,0
Total		36	100,0	100,0	



Em situação de rua:

Os motivos que os levaram a ir para a rua foram:

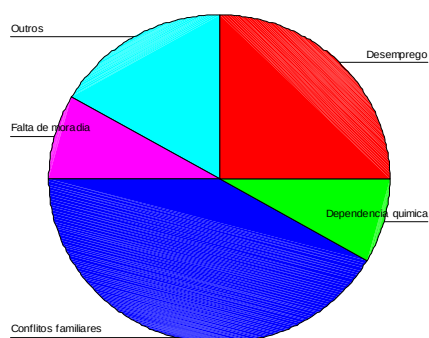
Desemprego: 3 ou 25%

Dependência química: 1 ou 8,3%

Conflitos familiares: 5 ou 41,7%.

Falta de moradia: 1 ou 8,3%.

Outros motivos: 2 ou 16,7%

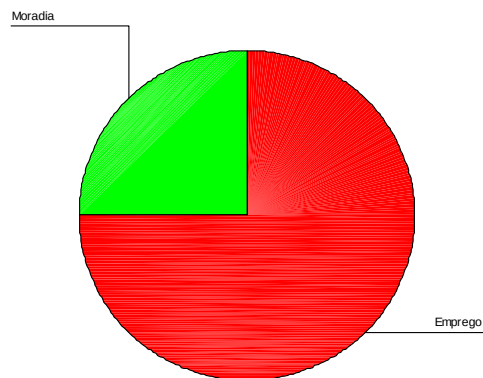


Em situação de rua:

O que faria você sair da situação de rua?

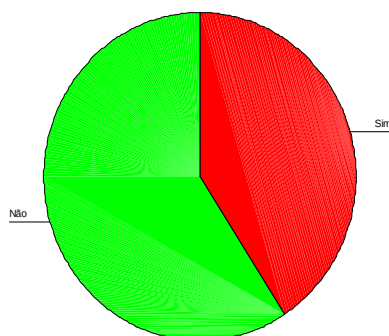
Emprego: 9 ou 75%

Moradia: 3 ou 25%



Você usa drogas?

		Frequency	Percent	Valid Percent	Cumulative Percent
Valid	Sim	9	25,0	40,9	40,9
	Não	13	36,1	59,1	100,0
	Total	22	61,1	100,0	
Missing	Não sabe/ Não respondeu	14	38,9		
Total		36	100,0		



Dos 9 que usam drogas, 9 ou 100% fazem uso de maconha.

Dos 9 que usam drogas, 2 ou 22,2% fazem uso de cocaína.

Dos 9 que usam drogas, 1 ou 11,1% fazem uso de crak.

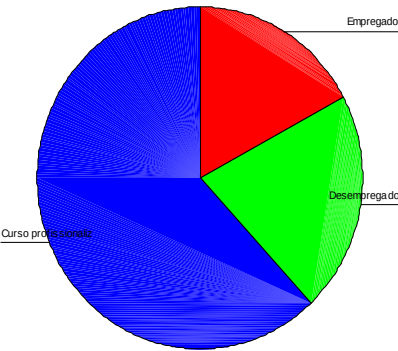
Dos 9 que usam drogas, 1 ou 11,1% fazem uso de cola.

* Valid Percent: percentual dos que responderam “sim” ou “não” à pergunta (excluídos “Não sabe/ Não respondeu”)

Qual a sua situação de trabalho hoje?

		Frequency	Percent	Valid Percent*	Cumulative Percent
Valid	Empregado	5	13,9	17,2	17,2
	Desempregado	6	16,7	20,7	37,9
	Curso profissionalizante	18	50,0	62,1	100,0
	Total	29	80,6	100,0	
Missing	Não sabe/ Não respondeu	7	19,4		
Total		36	100,0		

* Valid Percent: percentual dos que responderam “sim” ou “não” à pergunta (excluídos “Não sabe/ Não respondeu”)



11. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A coleta das informações relacionadas ao processo começou por reunir os elementos desses fenômenos quali-quantitativos envolventes das questões existenciais mais profundas do ser humano, às péssimas condições de vida, ausência do suporte familiar, a falência do Estado em resgatar esses jovens para uma sociedade melhor, oferecer a chance de uma vida digna aos menos favorecidos, a quem está em alguma forma de risco social – oferecer a chance de uma vida com possibilidades, perspectivas e escolhas. Assim, promover suporte comunitário, prevenir a desintegração dos laços familiares, assistir aos que vivem nas ruas, acolhendo e reintegrando à família, preparar e capacitar para o mercado formal do trabalho, oferecer condições de vida, alimentação, serviços médicos, oficinas de artes, reforço escolar, assistência jurídica.

Refletindo os conceitos da liderança servidora, nessas questões, sentimos a possibilidade desses sujeitos sociais mostrarem interesses de influenciar e transformar os adolescentes de risco social em verdadeiros cidadãos responsáveis que acreditam em seu potencial.

A observação de campo de trabalho mostra que a liderança comunitária é mais imediatista; sem planejamento, limitadores de ação, mas acreditam que quando capacitados possam mudar para novos paradigmas. Na perspectiva de uma reflexão mais profunda redirecionada nos limites e possibilidades desses adolescentes conviverem com situação de risco para que a liderança servidora possa transformá-los em produtivos. Assim, buscar soluções para suprir as necessidades desses adolescentes de risco afastados do convívio familiar em situação de abandono social e afetivo. Contudo, esse homem *fala* da sua infelicidade, da falta de oportunidades de crescer e estar em um discurso coerente, universal que reconcilia todos os homens entre si, produzindo um novo sentido mais humano, mais claro e objetivo.

Referências Bibliográficas

1. ASSIS, Simone Gonçalves. *Encarando os desafios da vida : uma conversa com adolescentes*. FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2005.
2. ASSIS, Simone Gonçalves. *Olhando no espelho: O adolescente e a auto-estima* – Rio de Janeiro – FIOCRUZ/ENSP/CLAVES/CNPq, 2003.
3. BRAVO, Luiz. *Trabalhando com a comunidade Manual de operacionalização de Serviço Social de Comunidade*. 2ª edição. Distrilivros Editora – Rio de Janeiro, RJ, 1983.
4. CHIAVENATO, Idalberto. *Os novos paradigmas: como as mudanças estão mexendo com as empresas*, 4ª edição – São Paulo: Atlas, 2003.
5. COVEY, Stephen R. *Os 7 hábitos das pessoas altamente eficazes*: tradução, Alberto Cabral Fusaro, Márcia do Carmo Felismino Fusano, consultoria Teresa Campos Salles – 22ª edição – Rio de Janeiro: BestSeller, 2005.

6. DO ROSÁRIO COSTA, Nilson e organizadores, Célia Leitão Ramos, Cecília de Souza Minayo e Eduardo Navarro Stotz. *Demandas Populares, Políticas Públicas e Saúde*. Editora Vozes. Petrópolis, RJ, 1989.
7. *Educação em foco*, Vol. 4 nº 1 Março/Agosto 1999. Centro Pedagógico da Universidade Federal de Juiz de Fora. Editora UFJF Semestral ISSN 0104-3293.
8. FREIRE, Paulo. *Pedagogia dos sonhos*, São Paulo: Editora UNESP, 2001.
9. FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa* – São Paulo: Paz e Terra, 1996.
10. GIULIAN, Rudolph W. *O Líder: autobiografia do mais famoso prefeito de Nova York*, tradução Afonso Celso da Cunha Sena – Rio de Janeiro: Campus, 2002.
11. HUNTER, James C. *Como se tornar um líder servidor*, os princípios de Liderança de O Monge e o executivo: tradução de ^a B. Pinheiro de Lemos – Rio de Janeiro: Sextante, 2006.
12. HUNTER, James C. *O monge e o executivo*, tradução Maria da Conceição Fornos de Magalhães, Rio de Janeiro, 2004.
13. MACHIAVELLI, Nicoló Di Bernardo Dei, (1849-1927), *O príncipe*, Tradução de Brasil Bandecchi – São Paulo: Centauro, 2005.
14. MAXWELL, John C; traduzido por Emirson Justir. *As 17 incontestáveis leis do trabalho em equipe* – São Paulo, Mundo Cristão, 2002.
15. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *A saúde em Estado de Choque*. 3ª edição – FASE – Federação de órgãos para Assistência Social e Educacional – Rio de Janeiro, RJ, 1992.
16. MINAYO, Maria Cecília de Souza, *Bibliografia comentada da Produção Científica Brasileira sobre Violência e Saúde*. Panorama ENSP, Rio de Janeiro, 1990.
17. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Cuidar cuidando dos Rumos: conversar com educadores sobre avaliação de programas sociais* / Maria Cecília de Souza Minayo, Jathie Njaine e Simone Gonçalves de Assis. Rio de Janeiro: CLAVES/ENSP/FIOCRUZ, 2004.
18. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Os muistos Brasis, saúde e população na década de 80*, 2ª edição – São Paulo: Hucitec: Rio de Janeiro: Abrasco, 1999.
19. MINAYO, Maria Cecília de Souza (org.) *Pesquisa Social – Teoria, método e criatividade*. Petrópolis: Editora Vozes, 2004.
20. MINAYO, Maria Cecília de Souza. *Políticas Sociais Jovens no Rio de Janeiro: cadastro e análise de Casos* – Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 1999.
21. *No mundo da Rua: alternativa à aplicação de medidas sócio-educativas* / Associação Beneficente São Martinho (Org) – Rio de Janeiro, 2001.
22. PERINE, Marcelo, *Filosofia e Violência: sentido e intenção da filosofia de Eric Weil*. Edições Loyola – São Paulo, 1987.
23. Periódico, *Guia de Atuação frente a maus-tratos na infância e na adolescência*. ENSP/FIOCRUZ, 2ª edição – Rio de Janeiro, Março de 2001.
24. Periódico “Após” Busines, *Líder na formação de líderes, fundação Getúlio Vargas*, (www.apos.com.br), Ano III Edição XI, Fevereiro de 2005.

25. RODRIGUEZ, Vélez. *Ética empresarial: conceitos fundamentais*. Londrina: Ed. Humanidades, 2003.
26. SERRA NEGRA, Carlos Alberto. *Manual de trabalho monográfico de graduação, especialização, mestrado e doutorado*, 2ª edição – São Paulo: Atlas, 2004.
27. TORRES, Carlos Alberto. *Democracia, educação e multiculturalismo: dilemas da cidadania em um mundo globalizado* – Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.
28. VASCONCELOS, Eymard M. *Educação Popular nos Serviços de Saúde*. 2ª edição – Hucitec Ltda – São Paulo, 1988.
29. VELHO, Gilberto. *Subjetividade e Sociedade, uma experiência de geração*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. Ed, 1986. Antropologia Social.
30. WEBER, Max. (1864-1920) *Textos selecionados*: tradução de Maurício Tragtenberg ... (et. al). 2ª edição – São Paulo: Abril Cultural, 1980 (Os pensadores).
31. YIN, Robert K. *Estudo de Caso: Planejamento e Métodos*, 2ª edição – Porto Alegre: Bookman, 2001.